



Uma das profissões disputadas nesta campanha é o colador de cartazes: um bom trabalho pode evitar problemas com o TRE

“Voluntariado” encobre mercado das campanhas

OMÉZIO PONTES

A campanha eleitoral em Brasília deveria mudar de nome, passando a se chamar campanha da fraternidade ou do voluntariado, se tomadas como verídicas as afirmações de candidatos e seus assessores. Eles garantem que grande parte do pessoal em atividade nos comitês — cabos eleitorais em indiscutível e frenética movimentação, cada vez maior pela aproximação da eleição (3 de outubro) — é formada por voluntários que não recebem qualquer salário. O máximo que admitem é que os “colaboradores” ganham vale-transporte ou ajuda para refeição.

Não há números concretos sobre quantas pessoas trabalham na campanha eleitoral diretamente nos comitês. Mas, apesar da negativa de muitos políticos de estar empregando pessoal para trabalhar nas suas campanhas, o surgimento de um novo mercado de trabalho neste período é indiscutível. “Nessa crise que o País está passando ninguém vai trabalhar de graça”, sentencia a jornalista Maria das Graças Cruvinel, coordenadora da

campanha do candidato do PTR, Orlando Gertrudes (deputado federal).

Ela é uma das poucas que admite “abertamente a contratação de um aparato considerável de funcionários para a campanha”. “Quem diz só trabalhar com voluntários pode estar contando uma grande mentira”, avalia Maria das Graças Cruvinel. Segundo a jornalista, na campanha de Orlando Gertrudes estão trabalhando hoje cerca de 90 pessoas, entre motoristas, coladores de cartazes, secretárias e outros. “Temos alguns voluntários, sem dúvida, como os coordenadores dos seis comitês das satélites”, lembra Maria das Graças Cruvinel.

DISPARIDADES

Se num comitê de candidato a deputado federal trabalham cerca de 90 pessoas remuneradas, quantas então trabalhariam no de um postulante ao cargo de governador, principalmente os dois mais cotados, Joaquim Roriz e Maurício Corrêa? No de Roriz, antes da impugnação pelo TRE, “apenas uma meia dúzia”, segundo um

dos coordenadores da campanha do ex-governador, César Lacerda. “A esmagadora maioria é de voluntários”, garante ele, falando sobre o comitê central, que funciona num andar inteiro de um prédio no Setor Comercial Sul. Sobre os outros comitês, da Frente Comunidade, César Lacerda diz não ter muito conhecimento, mas afirma: “Não tenho dúvidas de que, também nesses, grande parte é de simpatizantes da nossa companhia, que trabalham de forma voluntária”.

No comitê de Maurício Corrêa, que também ocupa grande espaço de um prédio na W-3 Sul, a versão não é muito diferente. Segundo José Guimarães Palácio, um dos coordenadores da campanha do senador, “quase todos os envolvimento na campanha não são remunerados e recebem apenas ajuda para alimentação e transporte”. Ele diz que, diariamente, naquele comitê circulam entre 40 e cem pessoas, “a maioria de simpatizantes que vêm colaborar nos trabalhos”. Entre os que têm salário, Palácio garante: “Quase todos são funcionários de empresas de amigos que nos cederam seu pessoal”.